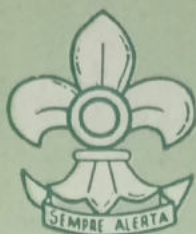


SEMPRE



Alerta!



N.º 75 — OUTUBRO, NOVEMBRO E DEZEMBRO DE 1958 ANO XIII

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL

União dos Escoteiros do Brasil

Reconhecida de Utilidade Pública e Dirigente do Movimento Escoteiro do Brasil pelo Decreto Federal n.º 5.497, de 23 de julho de 1928 e como instituição destinada à educação extra-escolar pelo decreto-lei n.º 8.828, de 24 de janeiro de 1946

AVENIDA RIO BRANCO, 108 — 3.º ANDAR — (EDIFÍCIO MARTINELLI)
Caixa Postal, 1734 — Telefone 42-3944 — Enderêço Telegráfico "ESCOTISMO"

RIO DE JANEIRO — BRASIL

PRESIDENTE DE HONRA

Exmo Sr. Dr. JUSCELINO KUBITSCHek DE OLIVEIRA — Presidente da República

Os Exmos. Srs. Ministros de Estado

COMISSÃO EXECUTIVA NACIONAL

Eleita pelo Conselho Nacional para o triênio abril de 1956-abril de 1959,
a Comissão Executiva Nacional ficou assim constituída:

Presidente do Conselho Nacional ————— Dr. MAURO JOPPERT
Escoteiro-Chefe ————— Almirante JOSÉ DE ARAÚJO FILHO
Tesoureiro ————— Dr. FRANCISCO LISBOA FIGUEIRA DE MELLO
Comissário Nac. de Relações Públicas — Ten. Cel. TERÊNCIO DE MENDONÇA PÔRTO
Comissário Nacional de Publicações ————— Coronel LÉLIO GRAÇA
Comissário Internacional ————— Dr. FERNANDO MIBIELLI DE CARVALLHO
Comissário Nacional de Adestramento ————— Sr. ORESTES PÊRO
Comissário Nacional de Lobinhos — Dr. CARLOS GUSMÃO DE OLIVEIRA LIMA
Comissário Nac. de Escoteiros — de Escoteiros Seniores -- Sr. JOÃO FERNANDES BRITO
Comissário Nacional de Escoteiros do Mar — Dr. WALTER DA COSTA QUINTÃO
Comissário Nacional de Escoteiros do Ar ————— Sr. G. E. BURROWES
Comissário Nacional de Pioneiros ————— Dr. JOÃO RIBEIRO DOS SANTOS
Comissário Nac. de Antigos Escoteiros — General Dr. BONIFÁCIO ANTÔNIO BORBA

Assistentes Gerais Religiosos:

Católico ————— FREI METHÓDIO DE HAAS
Evangélico ————— Dr. JÓCIO CALDEIRA DE ANDRADE
Israelita ————— GRÃO RABINO Dr. HENRIQUE LEMLE

COMISSÃO FISCAL

SR. VITOR COELHO BOUÇAS — Presidente — DR. ERNESTO PEREIRA CARNEIRO SOBRINHO — DR. OSCAR BERBERT TAVARES.

Suplentes:

Coronel JOÃO CARLOS GROSS — DR. JOÃO KELLY DA CUNHA LAGES —
Major HOMERO DE ALMEIDA MAGALHÃES.

Sempre Alerta!

ÓRGÃO DA UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL

N.º 75

ANO XIV

OUTUBRO, NOVEMBRO E
DEZEMBRO DE 1958

Publicação especializada em
assuntos de chefia escoteira

Av. Rio Branco, 108 — 3.º
andar — Tel. 42 — 3944
— RIO

Enderêço Telegráfico
"ESCOTISMO"
Brasil

Diretor-responsável — Luiz
Bravo

Preço do exemplar:
Cr\$ 10,00

ÍNDICE

	pág.
Escotismo e Religião	1
Cartas à Redação	2
Olimpíada	3
Topografia	4
Palestras de um Comissário Distrital	7
A Insígnia da Madeira ..	9
Grandes Jogos	11
Comunicados da Direção .	12
Conhecimento do Menino .	14

Nossa capa

A caminho de uma atividade.

Escotismo e Religião

Um dos resultados mais positivos alcançados depois da unificação das organizações escoteiras no Brasil foi a nova conceituação sôbre o problema religioso.

De certo, tivemos em todos os tempos Escotistas de arraigada fé e consciência apostólica, que conjugaram sua atuação escoteira com o encaminhamento dos meninos e rapazes no cumprimento de seus deveres para com Deus. As organizações de Escoteiros Católicos e as organizações de Escoteiros Evangélicos são uma brilhante comprovação dêsse fato.

Não existia, porém, num sentido universal, a consciência do valor e imprescindibilidade da religião para conduzir a bom têrmo a educação escoteira. Embora em minoria, existiam no Brasil os que achavam que religião era assunto particular que nada tinha a ver com o Escotismo.

O grande sôpro de renovação, que decorreu da Unificação Escoteira no Brasil, fixou também em têrmos claros e precisos a importância da fé religiosa na boa condução do Escotismo. Seguindo os ensinamentos do Fundador, o nosso P.O.R. estabeleceu que "todo Escoteiro deve ter uma religião e seguir fielmente os seus preceitos".

Respeitamos a consciência de cada um e a liberdade de ter uma fé de acôrdo com suas convicções, mas afirmamos convictamente, até mesmo em nossos estatutos, que nenhum dos membros do Movimento pratica o Escotismo, se não cumprir seus deveres para com Deus, através de sua própria religião.

A educação escoteira é, acima de tudo, a formação de uma consciência moral e a aceitação voluntária de princípios técnicos, consubstanciados na Promessa e na Lei do Escoteiro. A religião é a base em que se fundamentam essa consciência e êsses princípios e o culto a Deus é a manifestação viva de sua integração na vida dos indivíduos.

Baden Powell, com aquela simplicidade que lhe era característica, dizia:

"O homem pouco vale se não acreditar em Deus e obedecer às suas Leis. Por isso todo o Escoteiro deve ter uma religião".

JOSÉ DE ARAÚJO FILHO
Escoteiro-Chefe



Cartas à Redação

5 — Clara Manelli — Rio — ...Gostaria de saber o significado da palavra AJURI muito usada pelos Escoteiros...

R — Ajuri é palavra indígena usada no Amazonas para significar uma reunião festiva de vizinhos para executar um trabalho agrícola, construir uma casa etc. No Escotismo é usada para significar um acampamento de muitas Tropas ou de muitas delegações, como são os Acampamentos Nacionais e Regionais.

6 — Luiz Ferreira — Niterói — ...Tenho um filho com sete anos... poderá ser escoteiro? ...que devo fazer?

R — Pode ser Lobinho, entrando para o ramo do Escotismo destinado aos meninos de 7 a 11 anos. Procure a Região Escoteira do Estado do Rio de Janeiro, Rua Dr. Celestino 136 — Niterói para saber qual a Alcatéia de Lobinhos mais próxima da sua residência.

7 — Sindoval Nascimento — Curitiba — ...o que é necessário para ser Chefe Escoteiro?...

R — A Regra 23-23 do P.O.R. diz o seguinte:
“A Comissão Executiva local deve, em cada caso, ter absoluta certeza de que a pessoa indicada, pelo seu caráter e vida pregressa, pode receber o encar-

go de dirigir rapazes, e possui as seguintes características: a) uma completa compreensão dos objetivos morais e religiosos que servem de base ao plano do Escotismo; b) aceitar e estar disposto a fazer ou renovar pessoalmente a Promessa do Escoteiro; c) ter posição social e cultura relativas às do Grupo ou Seção que vai dirigir para que possa ter a natural ascendência necessária ao exercício da Chefia; d) ter pelo menos cultura de nível secundário; e) possuir relativa independência financeira proporcionada por emprêgo ou outras fontes de renda que lhe garantam nível decente e estável de vida; f) estar em boas condições de saúde e possuir capacidade física para o exercício do cargo; g) ter entusiasmo pela vida ao ar livre, fôrça de vontade e dedicação necessárias à continuação da obra com energia e perseverança; h) ser capaz de dedicar ao Grupo ou sua Seção o tempo necessário para instrução, bem como poder fazer excursões, bivaques, acantonamentos durante o ano; i) ter a idade mínima de 17 anos para Chefes de Lobinhos e Escoteiros, de 19 anos para Chefes de Escoteiros Seniorres e de 24 anos para Chefes de Pioneiros e Chefes de Grupo (o limite de idade para Chefe de Grupo pode ser baixado até 19 anos se o Grupo não tiver Clã de Pioneiros); j) conhecer os livros do Fundador, “Escotismos para Rapazes”, “Manual do Lobinho”, “Ca-

CARTAS À REDAÇÃO

minho para o Sucesso", "Guia do Chefe Escoteiro", êste P.O.R. e a literatura básica oficial sôbre o Escotismo; l) ter o sincero desejo de aproveitar-se de qualquer oportunidade oferecida para fazer o adestramento apropriado ao seu ramo e modalidade.

8 — Antônio Santos — Pôrto Alegre —
...seria possível saber o número de Escotistas Brasileiros?...

R — Infelizmente nossas estatísticas e censos ainda não são perfeitas. Calcula-se entretanto que há mais ou menos 1.500 Escotistas, isto é Comissários, Chefes e seus Assistentes.

Tôda a correspondência para esta seção deve ser dirigida para:

CARTAS À REDAÇÃO
"SEMPRE ALERTA"
UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL
AV. RIO BRANCO, 108 — 3.º ANDAR
DISTRITO FEDERAL

SESC AJUDARÁ ESCOTISMO

Na recente reunião dos Diretores Nacionais e Regionais do SESC, realizada em Macaé, Estado do Rio de Janeiro, foi realizada uma palestra demonstrativa dos objetivos e métodos do Escotismo pelo Dr. Carlos Gusmão de Oliveira Lima, Comissário Executivo da União dos Escoteiros do Brasil.

Nos comentários que se seguiram à conferência foi relatada a existência de Grupos de Escoteiros sob o patrocínio do SESC em alguns Estados do Brasil com grande sucesso.

Na ocasião foi solicitada à Direção do SEC o apoio devido para um maior desenvolvimento do Escotismo sob a promoção da autarquia.

Ficou prevista a colaboração do SESC na publicação de folhetos e realização de Cursos para Chefes Escoteiros sempre sob a orientação da União dos Escoteiros do Brasil.

Êste plano de colaboração já vigorará em 1959 constiuindo um passo decisivo para a implantação do Escotismo no meio comercial em todo o país.

ATIVIDADE de Lobinhos

OLIMPÍADA

Êsse projeto deve ser desenvolvido durante pelo menos 3 reuniões. Na **primeira**, o aquelá fala sôbre os Jogos Olímpicos da antiguidade grega, mostra gravuras, de estátuas ou templos gregos, fala sôbre os jogos olímpicos modernos e mostra gravuras ou retratos de provas olímpicas, do falecido barão Pierre Coubertin, seu criador e animador e dá às matilhas a tarefa de desenharem bandeiras olímpicas (as 5 argolas entrelaçadas, verde, vermelho, amarelo, azul, e preto, sôbre o campo branco).

Na **segunda**, o aquelá, propondo a idéia de se fazer uma olimpíada na Alcatéia, propondo e discutindo com os lobinhos quais as provas que farão parte. Segue-se nesta mesma reunião o treinamento das provas escolhidas para a seleção dos representantes das matilhas (se a competição fôr por matilha). Outra reunião se quiser pode ser ocupada pelo treinamento, seleção, competições preliminares e semi-finais e também para a confecção das medalhas (rodela de papelão envolvidas com papel de bombons e desenhada com tinta vermelha, pendentas em uma fita).

No dia marcado para a **Olimpíada** — naturalmente com grande assistência os lobinhos preliarão depois de ter prestado o juramento olímpico os vencedores receberão no alto de uma escadaria, sob aplausos e ao som de música (use uma vitrola) suas gloriosas medalhas. Atividades que podem ser incluídas na olimpíada (só umas 6 ou 8): corrida de 50 metros, salto em altura, salto em distância, subir numa corda de 3 metros (corda de 1/2 polegada) atirar uma pelota pesada (couro — recheio de serragem), ou uma bola de ténis à maior distância, virar cambalhota, plantar bananeira, dar salto mortal, sôbre as mãos ou no ar, nadar 25 metros, corrida de estafeta 4 x 10 metros, pular carniça, atirar e receber uma bola de ténis de um companheiro a 10 metros de distância com a esquerda e com a direita, pular corda, correr 10 metros com 3 livros na cabeça etc.

TOPOGRAFIA

Por LEOPARDO ASTUTO

Topografia é o conjunto de métodos e processos que permitem a representação de uma parte do terreno, no papel, em seus mínimos detalhes.

Para o escoteiro noviço, que ainda não se ambientou com o campo, parece ser a topografia um mistério, mas na medida que vai observando os detalhes do terreno e comparando-os com a carta logo certifica-se de que é uma das mais atraentes provas, visto que se relaciona intimamente e completa as operações de campismo: Itinerário de marcha, escolha de local para acampamento, posto de sinalização semafórica, possibilidade de um jôgo de ataque ao acampamento e muitas outras.

Em seis publicações nesta revista estudaremos o que há de essencial para uma boa prova e mesmo para a especialidade.

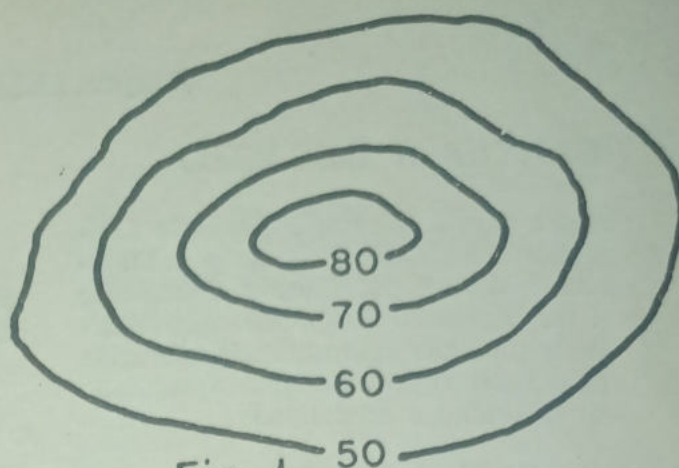


Fig. 1

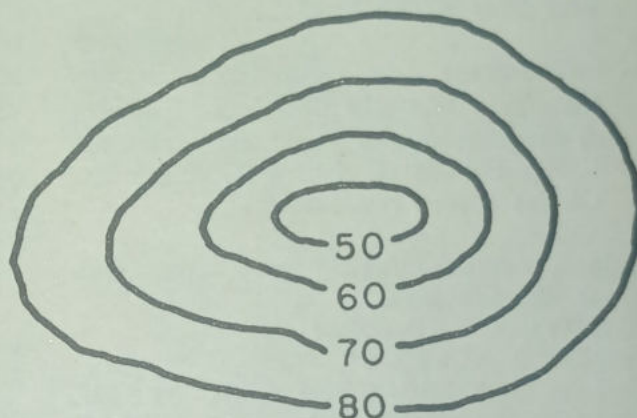


Fig. 2

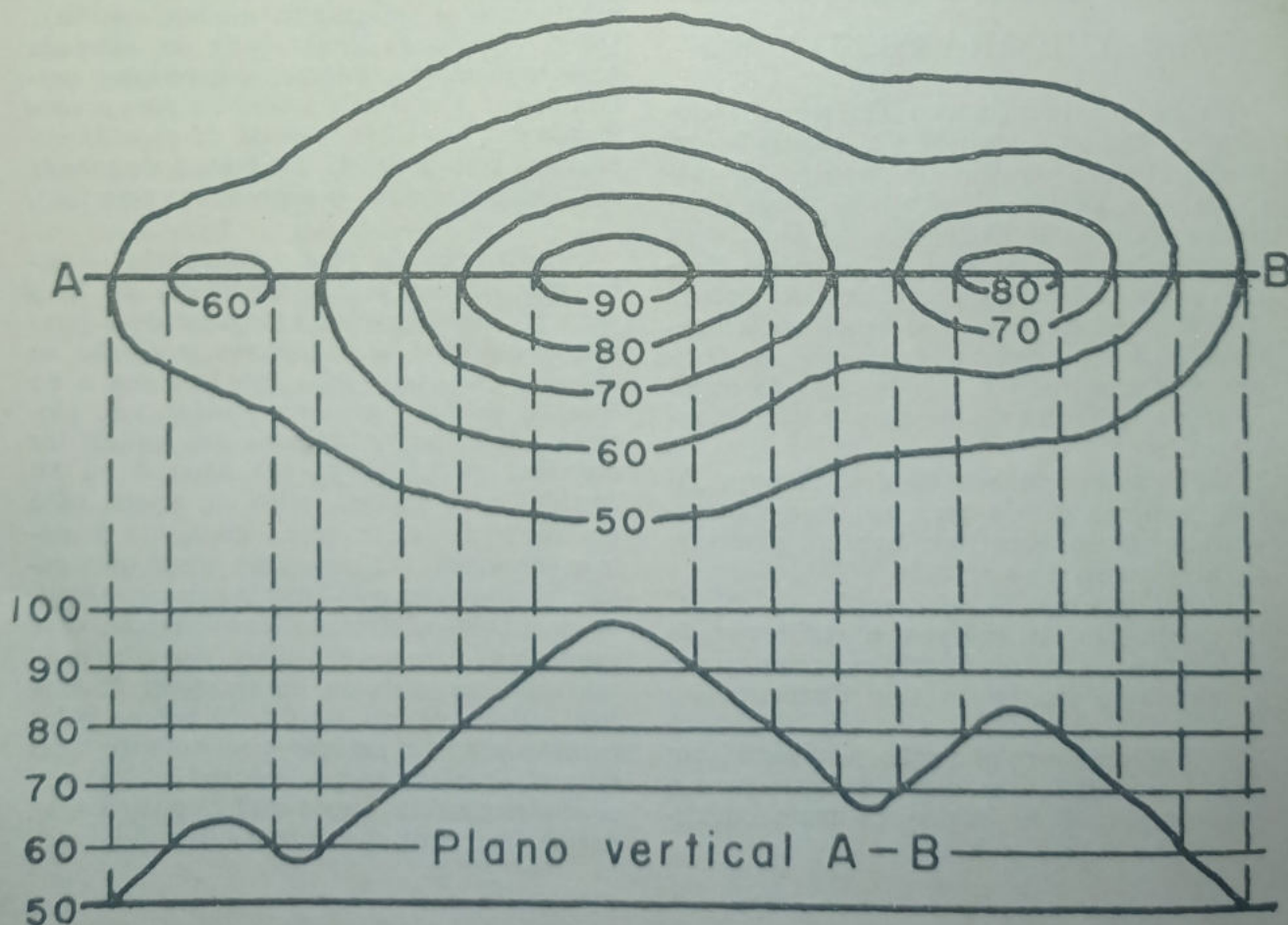


Fig. 3

Sempre ALERTA !

INTERPRETAÇÃO DAS DIVERSAS FORMAS DO TERRENO

Movimentos do Terreno

Denomina-se movimentos do terreno a variedade de formas que se classificam para o estudo em dois grandes grupos:

1.º — *Superfícies Planas* — que embora não sejam planas no sentido geométrico da palavra, são assim consideradas, porque as ondulações sendo pequenas são suscetíveis de serem desprezadas.

2.º *Superfícies Onduladas* — que se elevam ou se abaixam relativamente às planas e que se denominam *elevações* e *depressões*.

Para identificar na carta é suficiente observar:

- na *elevação* as curvas de *maior* cota são envolvidas (fig. 1);
- na *depressão* as curvas de *menor* cota são envolvidas (fig. 2).

Cota — É a altitude de um ponto, expresso em metros.

Altitude — É a altura absoluta de um ponto qualquer acima do nível médio dos mares.

Curva de Nível — É a união de todos os pontos da mesma cota.

Para uma idéia exata do movimento do terreno pelas curvas de nível V. deve imaginar uma grande enchente do rio Guaíba que subiu até a curva de cota 50 (no trecho da carta na página ao lado), depois até 100 e assim sucessivamente até 300 metros no morro Santana.

Ou *traçar um perfil entre dois pontos* (fig. 3):

- 1 — ligam-se os dois pontos (A-B) por um traço de lápis;
- 2 — faz-se outro traço idêntico abaixo ou acima da figura representada pelas curvas de nível;
- 3 — traçam-se paralelas equidistantes sobre o novo traço e marcam-se as cotas correspondentes as das curvas de nível;
- 4 — baixam-se perpendiculares do traço A-B em todos os pontos cortados pelas curvas de nível até atingir as paralelas de cotas correspondentes;
- 5 — unem-se estes novos pontos com um traço de lápis e assim teremos o perfil da elevação como se esta fôsse cortada verticalmente.

PROBLEMAS

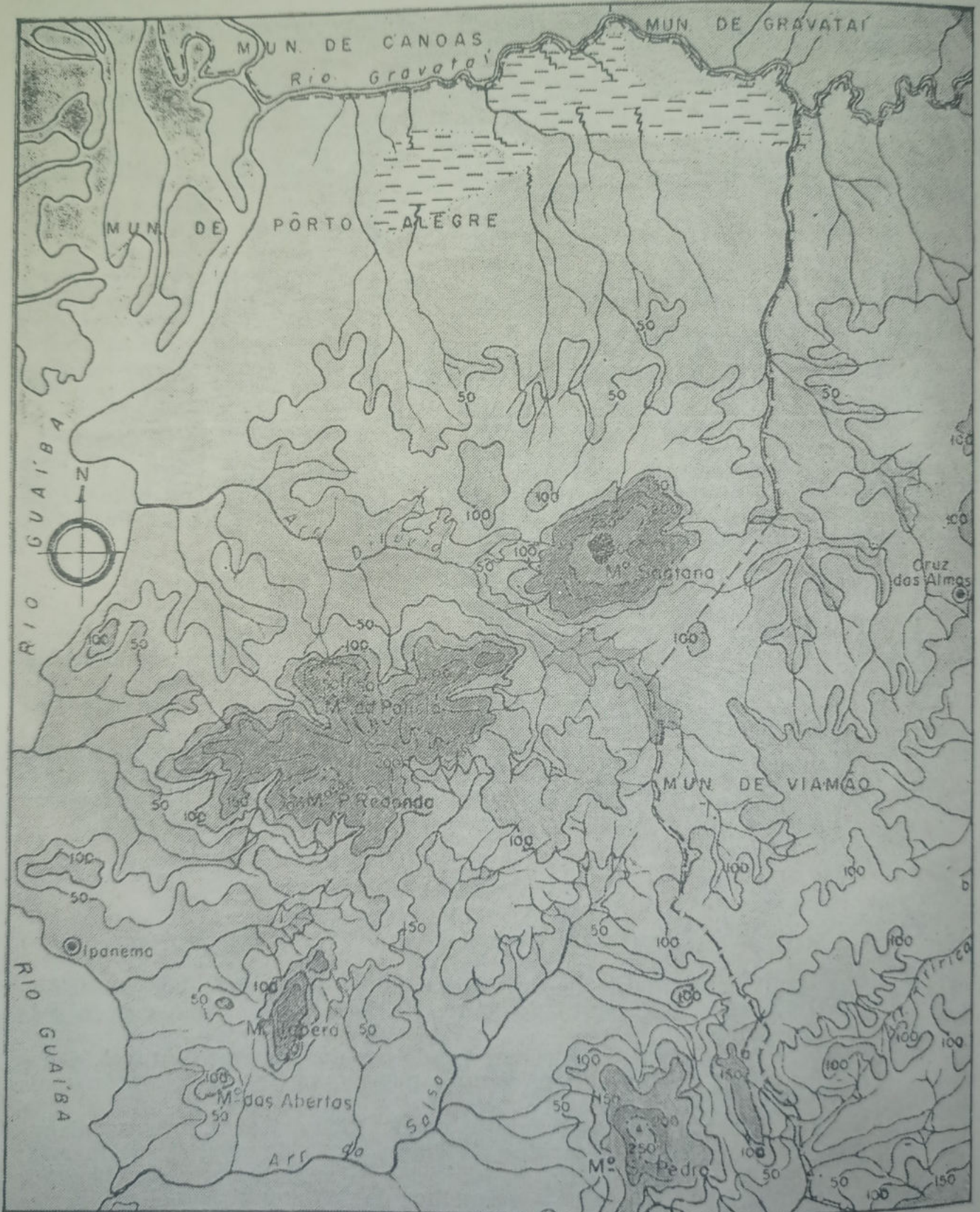
Observe o trecho de carta na página seguinte e procure resolver:

- 1 — todo ponto culminante de uma elevação é representado por um triângulo. Localize esse ponto no Morro da Polícia e assinale com o respectivo triângulo;
- 2 — o Morro das Abertas está representado por duas curvas de nível. Coloque as cotas dessas curvas comparando-as com as da elevação mais próxima;
- 3 — ilumine a carta com as seguintes cores: Rios em azul; terreno alagadiço tracejado de azul; terreno seco até a curva de nível 50 — amarelo; de 50 a 100 — verde claro; de 100 a 150 — verde escuro; de 150 a 200 — laranja; de 200 a 250 — vermelho; de 250 a 300 — violeta; acima

Sempre ALERTA !

de 300 — marrom. Se não dispuser das cores indicadas, use outras quaisquer, mas sempre mais forte na medida que sobe.

Aguarde o resultado na 4.^a publicação.



Palestras de um Comissário Distrital :



ATIVIDADES DISTRITAIS

Recentemente reuniram-se todos os Chefes dos nove Grupos que formam o nosso Distrito, a fim de organizarmos o calendário anual de atividades.

Era a primeira vez que tínhamos uma reunião com o comparecimento unânime, e isto talvez tenha sido resultado da carta-convite enviada a tempo e do telefonema-lembrete da véspera.

Inicialmente surgiu a idéia de que os Chefes se reunissem agrupados de acôrdo com o Ramo que dirigia, o que foi aceito com a ressalva de que as datas das atividades a serem programadas fôsem apenas previstas, devendo ser confirmadas na reunião geral que se seguiria.

Esta idéia inesperada me trouxe bastante embaraço pois não podia estar em todos os quatro grupos de Chefes ao mesmo tempo, dificuldade que me fez pensar sèriamente em conseguir com bastante brevidade alguns Assistentes de Comissário de Distrito para os Ramos.

Indiquei um responsável para cada grupo de Chefes e entreguei algumas cópias da previsão de atividades, que havia elaborado para servir de base à discussão, uma vez que no ano anterior perderemos muito tempo imaginando na hora da reunião o que poderíamos programar. Verifiquei que a redação da carta-convite também facilitou a exclusão dêste problema pois

seus dizeres alertavam de que o assunto da reunião seria a programação de atividades e de que os Chefes deveriam trazer idéias, o que foi atendido por alguns com sugestões bem interessantes.

Como alguns grupos de Chefes terminassem sua tarefa mais rapidamente, mesmo porque o de Chefes de Escoteiros ainda fez um sub-grupo complementar constituído dos dois Chefes de Escoteiros do Mar, aproveitei o tempo intermediário para conversar sôbre problemas de Tropa e Alcatéia que havia com alguns dêles.

Finalmente pudemos ter a reunião geral e pedi que cada responsável por grupo relatasse o que havia sido programado para seu Ramo.

A parte do Ramo de Lobinhos foi muito bem planejada, com um Torneio de Provas, uma Reunião Festiva sôbre índios com a presença dos Pais, e uma Excursão com Provas e Jogos Amplos.

Já o Ramo de Escoteiros exagerou bastante na programação: três Torneios de Provas (um para cada Classe), um Acampamento Distrital Geral e outro para Monitores, um Jôgo Amplo no Campo e outro na Cidade, uma Excursão de Obstáculos de Provas, um Fogo de Conselho de Pátio com a presença dos Pais, e ainda três visitas coletivas (ao Arsenal Militar, à Esquadra e à Base Aérea), com previsão total média de uma atividade para cada mês. Além disso os Chefes de Escoteiros do Mar programaram a participação em quatro atividades coletivas da Modalidade, que serão propostas aos Chefes de Escoteiros do Mar dos Grupos vizinhos.

Os Chefes de Escoteiros Seniores concentraram tôdas as atividades distritais do Ramo em uma só: um acampamento de 5 dias com escaladas a uma montanha próxima e um jôgo amplo de duração de 24 horas.

Quanto aos Chefes de Pioneiros (apenas dois Clans no Distrito, com sete

Pioneiros em cada) resolveram que cada dois meses os Clans se reunirão em conjunto com uma programação anteriormente combinada, e desde já previram assuntos como "democracia e eleições", "serviço público e empresas privadas", "novos grupos escoteiros no Distrito" e "reflorestamento". Nestas reuniões, além de palestras e debates, seriam tomadas decisões de ação para o período que se seguisse até a reunião coletiva seguinte.

Inicialmente ponderei sobre o excesso de atividades distritais previstas para o Ramo de Escoteiros e também para a modalidade de Mar. Evidenciei que este tipo de atividade tem como únicas finalidades a demonstração do adestramento de cada Grupo Escoteiro e o desenvolvimento do espírito de fraternidade. Um número demasiado de atividade distritais sacrificaria as atividades normais de aprendizagem e adestramento dos Grupos e de outros fatores essenciais à vida normal dos mesmos.

Discutido o assunto foi combinado então realizar um só Torneio de Provas, com tôdas as Classes, um Jôgo Amplo de Campo (ficando o da cidade para o próximo ano) e a visita coletiva em um mesmo dia com o local de escolha dos próprios rapazes, além da excursão de obstáculos de provas ser no próprio Acampamento Distrital; e as atividades coletivas da modalidade de Mar seriam reduzidas a duas.

Complementando o Calendário acrescentei ainda como atividades previstas a realização de um Curso de Adestramento Preliminar para Chefes de Escoteiros e outro para Chefes de Lobinhos, ambos de datas já marcadas no mês de julho (previsão da Região), além de informar que no decorrer do ano cada Grupo seria solicitado no máximo três vezes, em rodízio, para atividade não prevista de apoio do Escotismo por solicitação da comunidade.

Finalmente pudemos iniciar a programação de datas e inicialmente foram excluídos os períodos das provas escolares e todo o mês de janeiro para ser aproveitado para o Grande Acampamento Anual de cada Grupo.

Ao fixarmos as datas das atividades houve o conflito de duas atividades (Torneio de Escoteiros e Excursão de Lobinhos) e um dos Chefes protestou porque estava acumulando a direção da Tropa e da Alcatéia. Foi uma boa ocasião de focalizar a necessidade de chefias separadas para os Ramos a fim de que não fôsse necessário recorrer-se a chefia de outra Alcatéia para resolver a interferência de atividades de Ramos distintos, como foi a solução dada para aquêle caso (duas Alcatéias irão juntas).

Foi ainda sugerido que a programação para os pais (Reunião Festiva de Lobinhos e Fogo de Conselho de Escoteiros) fôsse realizada em uma mesma atividade, mas a idéia não foi aprovada pelo excesso de representações e outras confusões. Ficou combinado que uma seria em maio e outra em outubro para ficarem bem espaçadas.

Concluído o Calendário comuniquei que o mesmo seria enviado à Região Escoteira para referendo, e que seria então mimeografado em quantidade para distribuição nos Grupos Escoteiros até o nível de Patrulha.

Sugeri que os Chefes de cada Ramo, com a antecedência de pelo menos 30 dias de cada atividade, se reunissem para programá-la inteiramente, e informei que pessoalmente indicaria um responsável dentre eles, com maior antecedência ainda, para desenvolver as medidas preliminares necessárias. Não divulguei na ocasião, mas esta seria uma experiência visando a escolha de futuros Assistentes Distritais para os Ramos.

Lembrei a todos que uma atividade distrital, apesar de ser programada pelo Distrito, tem seu sucesso sob a responsabilidade dos Chefes que são chamados a desempenhar cargos na execução das mesmas. Esperava assim uma ampla colaboração de cada um em benefício de todo o Distrito.

Encerramos finalmente a reunião com uma nova canção, muito alegre e divertida, tão animada quanto o fôra a programação das atividades do Distrito para o próximo ano.

Boa programação e bom planejamento resultam sempre em boas atividades!

A INSÍGNA DE MADEIRA

Em qualquer país onde haja escoteiros, você encontrará, mais cedo ou mais tarde, Chefes usando um lenço beije com um retângulo de pano escocês e, em volta do lenço, uma correia de couro com duas contas de madeira talhadas de uma maneira curiosa.

Que significa? Como conseguem esses Chefes permissão para usá-las? Qualquer um pode obtê-las?

Estas são algumas das perguntas que podem ocorrer acerca deste lenço e das contas.

Em poucas palavras poderemos explicar: são os sinais de que o portador passou por um curso de adestramento, aprovado pelo Deputado Chefe de Campo de Gilwell Park, Inglaterra.

Quando o Fundador foi elevado à condição de Par do Reino, em 1929, decidiu usar o título de Lord Baden Powell de Gilwell, mostrando, portanto, o lugar tão importante em que ele colocava o campo de adestramento que estabeleceu em 1919.

O ADESTRAMENTO DE CHEFES

O primeiro curso de adestramento para chefes foi na Inglaterra, em 1910. Outros se seguiram durante os 4 anos anteriores à 1.^a Guerra Mundial.

Todos foram experimentais, a princípio. Os tipos de conferências foram dadas com poucas demonstrações, porém, B-P não ficou satisfeito com os resultados.

B-P chegou à conclusão de que o curso para ser realmente eficaz deveria ser feito no campo e fôsse como uma tropa aplicando o Sistema de Patrulhas.

A Guerra de 1914-18 retardou as novas experiências.

A doação, em 1919, do Campo de Gilwell, perto de Londres, pelo Comissário Escocês W. de Bois Maclaren, foi que possibilitou o campo de adestramento permanente para chefes.

B-P já tinha seus planos prontos e o primeiro curso se fez em setembro de 1919.

Porém, isto como logo se explicará, fica muito longe de ser toda a história.

O adestramento no campo é a Parte II do Curso completo de I.M.

A parte I faz-se por correspondência, sendo um estudo sobre os princípios básicos e os métodos do Escotismo. A parte III vem depois das duas primeiras prontas e consegue-se aplicando, realmente, na tropa todos os ensinamentos recebidos nas Partes I e II.

Depois de passadas essas três partes, a êle (ou a ela, se fôr akelá) se entrega a Insígnia de Madeira — essas estranhas contas em um cordão de couro.

Essas contas têm a sua própria história.

Quando B-P estava pensando em que forma deveria ter a Insígnia, queria evitar que fôsse qualquer coisa notável e atraente.

Entre seus troféus havia um curioso colar, que tinha pertencido ao Chefe Zulú Dinizulú. Consistia em umas contas feitas de madeira de uma forma curiosa.

B-P decidiu adotá-lo por ser algo único. Tinha êsse toque de romance que êle tanto gostava e era simples e característico.

Ao princípio a insígnia foi usada no chapéu, nas extremidades do cordão jugular, porém, como só se podia vê-la quando se estivesse de chapéu, uma correia de couro, ao redor do pescoço, com duas contas nas extremidades, foi oficialmente adotada.

O nome "madeira" foi sugerido pelo material das contas e também, pelo "regresso à vida dos homens aos bosques" que é o centro das atividades escoteiras.

A princípio se usaram as contas originais, porém, era óbvio que elas logo se acabariam. Então, foram feitas cópias.

Mais ou menos um ano após a IM ter sido adotada, um chefe, passeando em uma feira ao ar-livre a Este de

Sempre ALERTA !

Londres, deparou com um colar de contas igual a IM.

Ràpidamente o comprou e enviou a Gilwell.

Investigações e entendimentos na parte da África de onde provinham êsses colares, vieram a impedir que se fizessem outros do mesmo modelo.

Quando os cursos de Lobinhos foram iniciados a insígnia de Chefe de Lobinhos foi uma unha de lobo, porém, pouco depois se decidiu usar a mesma insígnia para todos os chefes.

O CURSO PRÁTICO

Qual é o método característico da parte prática (Parte II) do curso de IM?

Esta pergunta admite uma simples contestação.

É que no acampamento os chefes estão organizados como uma tropa (ou Alcatéia) e cada um, por turno, atua como monitor (ou Primo), cozinheiro, intendente, etc.

Os chefes viverão algum tempo como escoteiros ou lobinhos.

Êsse é o marco essencial do adestramento como o concebeu B-P. Êle quis que os chefes se pusessem (tão difícil para os adultos), nas mesmas situações dos garotos e que vissem as coisas com o mesmo ponto de vista.

O ADESTRAMENTO SE ESTENDE

Uma das intenções de B-P foi que esta classe de adestramento no campo se estendesse mais além de Gilwell.

Possuidores seletos da IM são nomeados D.C.C. e Ak.L. e esta distinção os autoriza a dirigir cursos iguais em seus países. Tais nomeações se fazem com grande cuidado e em consulta com as autoridades escoteiras do país.

Agora, a maior parte dos países tem os seus próprios D.C.C. e Ak.L. e alguns têm seus próprios campos permanentes para adestramento, modelados com os padrões de Gilwell.

ALGUNS DADOS

Não existem estatísticas completas dos 35 anos, porém, a situação típica atual o explica:

Um curso, terminado em Gilwell, indica:

Número de participantes: 57.

Idade média: 29 anos.

Países representados (além de Inglaterra, Gales e Escócia) — França, Jamaica, Malaia, Suécia, E.U.A.

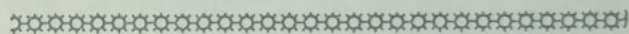
A equipe do curso incluía um D.C.C. de França.

Todos aquêles que obtêm a IM, em qualquer país em que façam o curso, vêm a ser membros do 1.º Grupo de Gilwell do qual B.P. é chefe honorário.

As patrulhas do 1.º IM tiveram os nomes de corujas, pica-paus, pombos e cucos.

Os membros do 1.º Grupo de Gilwell Park se reúnem uma vez por ano em Gilwell no segundo fim de semana de setembro.

(Tradução do CAMPOREE — Novembro 1956, por "Ardilosa Raposa").



ACAMPAMENTO REGIONAL



Realizou-se de 8 a 14 de julho, no Paraná, o VI Acampamento Regional. No clichê acima, o selo da reunião.

Grandes Jogos

Ó Amuleto Enterrado

Tema geral: Certo rei Mouro, sentindo-se próximo a morte, mandou enterrar seu amuleto sagrado em algum lugar da região de "Atalas" na África. Em 3 sítios de sua propriedade ordenou que escondessem lanças, o que permitiria ao mais valente de seus filhos recuperarem o amuleto.

Terreno: Amplo e variado, de 1 km de extensão de diâmetro: bosques, campos, etc.

Práticas escoteiras: Morse, sinais de pista e topografia.

Equipes: A tropa se divide em 3 grupos, que representam os partriários dos 3 filhos do rei. Todos com os seus equipamentos de guerra. (O lenço escoteiro colocado nas costas).

Tema detalhado: Cada um dos 3 filhos do rei (Chefes de cada equipe recebe antes do jogo um documento secreto, que deve abrir em determinada hora. Este documento consiste em um papel calcado (cópia) no qual estão assinalados destinados a situá-lo exatamente sobre o mapa original por superposição, assim como a localização exata das 3 lanças.

A partir da hora marcada os 3 grupos são inimigos e não podem, de forma alguma, se aliar.

Em cada um dos 3 locais indicados nas cópias, estará fixado uma lança (bastão) no qual estará gravado a fogo em morse uma

parte da mensagem, que permitirá encontrar o amuleto.

Estes textos podem, por exemplo, estar escritos da seguinte maneira:

"Apanhe no pé da terceira mangueira ao S. W. do poste 12.... do caminho de Malinas ao Monte São João."

É muito importante cortar bem as 3 partes da mensagem a fim de que seja impossível compreender seu sentido não possuindo todas elas. Ao pé da mangueira em questão ponha o 1.º sinal de pista que conduz ao amuleto.

Quando um grupo encontra uma lança toma nota da mensagem, nela gravada e leva a lança consigo. Um bom escoteiro será encarregado de levá-la e defendê-la contra os ataques dos outros grupos, e desde logo terá um escudo para protegê-lo.

Fim do jogo: A conquista do amuleto, o que supõem o conhecimento prévio das 3 partes da mensagem.

Modo de aprisionar: Por meio dos lenços escoteiros colocados nas costas. O jogador que é prês com a lança na mão é obrigado a deixá-la cair; outro combatente, inimigo ou amigo pode então pegá-la. Cada combatente guarda os lenços tomados de seus adversários, podendo os membros de seu grupo que os haja perdido utilizá-los.

É de todo indispensável que as 3 equipes sejam de força rigorosamente iguais.

Material: 3 mapas, 3 bastões, 3 cópias com a localização das lanças.

(Traduzido da revista "Scout", de Cuba, de outubro de 1957).

Sempre ALERTA !

COMUNICADOS DA DIREÇÃO

DIREÇÃO NACIONAL

O Cel. Terêncio Furtado de Mendonça Pôrto reassumiu dia 1.º de dezembro as funções de Comissário Nacional de Relações Públicas.

O Gen. Dr. Mário Marques Ramos continuará como Assistente dêsse Comissário.

REGIÃO DA BAHIA

O Chefe Antônio Augusto da Siveira foi exonerado em 11/12/58 do cargo de Comissário de Pioneiros (IP n.º 1.052 do Escoteiro-Chefe).

O Chefe Edvaldo Santos foi exonerado em 11/12/58 do cargo de Comissário de Escoteiros do Mar (IP n.º 1.054 do Escoteiro-Chefe).

O Chefe Mário Ivo de Farias foi nomeado em 11/12/58 para o cargo de Comissário de Escoteiros (IP n.º 1.055 do Escoteiro-Chefe).

O Chefe Cléto Carneiro da Silva Filho foi nomeado em 11/12/58 para o cargo de Comissário Distrital do 1.º Distrito (IP n.º 1.050 do Escoteiro-Chefe).

O Chefe Fernando Cordeiro de Freitas foi nomeado em 11/12/58 para o cargo de Comissário Distrital do 2.º Distrito (IP n.º 1.051 do Escoteiro-Chefe).

O Chefe Antônio Augusto da Silveira foi nomeado em 11/12/58 para o cargo de Comissário Distrital do 3.º Distrito (IP n.º 1.053 do Escoteiro-Chefe).

O Chefe Milton Ferreira de Carvalho foi nomeado para exercer as funções de Chefe do Grupo Escoteiro de Feira de Santana em 28/11/58 (IP n.º 26 do Comissário Regional).

O Chefe Antônio Costa foi nomeado para exercer as funções de Chefe da Tropa do Grupo Escoteiro de Feira de Santana em 28/11/58 (IP n.º 27 do Comissário Regional).

O Chefe Armando Oliveira Almeida foi nomeado para exercer as funções de Chefe da 2.ª Tropa do Grupo Escoteiro de Feira de Santana em 28/11/58 (IP n.º 28 do Comissário Regional).

O Chefe Zenildo Farias de Oliveira foi nomeado para exercer as funções de Sub-Chefe do Grupo Escoteiro de Feira de Santana em 28/11/58 (IP n.º 29 do Comissário Regional).

O Chefe Walfredo Santos foi nomeado para exercer as funções de Baloo no Grupo Escoteiro de Feira de Santana em 28/11/58 (IP n.º 30 do Comissário Regional).

O Chefe Osvaldo Mota foi nomeado para exercer as funções de Mestre Pioneiro do Grupo Escoteiro de Feira de Santana em 28/11/58 (IP n.º 31 do Comissário Regional).

O Chefe Antônio José Jorge foi nomeado para exercer as funções de Sub-Chefe do Grupo escoteiro "Maestro Wanderley" em 28/11/58 (IP n.º 32 do Comissário Regional).

REGIÃO DO ESPÍRITO SANTO

O Chefe Antônio Orlando Queiroz de Macedo foi nomeado em 10/12/58 para o cargo de Comissário de Organização (IP n.º 005/58 do Comissário Regional).

REGIÃO DO ESTADO DO RIO

O Chefe Orlando Picauron foi nomeado em 15/12/58 Comissário Distrital do 7.º Distrito (IP n.º 1.056 do Escoteiro-Chefe).

O Chefe Fernando Alves do Couto Reis, foi nomeado em 15/11/58 Chefe do Grupo Escoteiro São Tarciso, de Campos (IP n.º 41 do Comissário Regional).

O Chefe Loredano Aleixo dos Santos foi nomeado em 15/11/58 Chefe da Tropa Júnior do Grupo Escoteiro Tamoios, de Santanésia (IP n.º 42 do Comissário Regional).

O Chefe Mamede de Souza Freitas foi nomeado em 15/11/58 Chefe da Tropa Senior do Grupo Escoteiro Tamoios, de Santanésia (IP n.º 43 do Comissário Regional).

A Chefe Dilza Miguel Elias foi nomeada em 15/11/58 Chefe de Lobinhos do Grupo Escoteiro Tamoios, de Santanésia (IP n.º 44 do Comissário Regional).

A Chefe Leile Salles Abbud foi nomeada em 15/11/58 Assistente da Chefe de Lobinhos, do Grupo Escoteiro Tamoios, de Santanésia (IP n.º 45 do Comissário Regional).

O Chefe Antônio de Andrade Reis foi nomeado em 20/11/58 Chefe do Grupo Escoteiro Amaro Ferreira Lima, de Campos (IP n.º 46 do Comissário Regional).

O Chefe Custódio de Mattos foi nomeado em 20/11/58 Chefe de Lobinhos do Grupo Escoteiro Cascatinha, de Petrópolis (IP n.º 47 do Comissário Regional).

O Chefe Olivan Glória Moreira foi nomeado em 20/11/58, Chefe do Grupo Escoteiro 10 de Maio de Itaperuna (IP n.º 49 do Comissário Regional).

O Chefe João Fontes Júnior foi nomeado em 20/11/58, Assistente do Chefe do Grupo Escoteiro 10 de Maio de Itaperuna (IP n.º 50 do Comissário Regional).

O Chefe José de Moraes foi nomeado em 20/11/58, Chefe do Grupo Escoteiro Barão de Pirai, de Pirai (IP n.º 51 do Comissário Regional).

A Chefe Lucélia Barbosa de Mendonça foi nomeada em 20/11/58 Chefe de Lobinhos do Gru-

Sempre ALERTA !

po Escoteiro 10 de Maio, de Itaperuna (IP n.º 52 do Comissário Regional).

O Chefe Estasnillau Vitor Myszkonski foi nomeado em 4/12/58 Chefe do Grupo Escoteiro Afonso Pena, de Tanguá (IP n.º 53 do Comissário Regional).

REGIÃO DO DISTRITO FEDERAL

O Chefe Canagé de Araújo Cotta foi exonerado em 31/12/58 do cargo de Comissário de Relações Públicas (IP n.º 1.061 do Escoteiro-Chefe).

O Chefe Joaquim Antônio Lyrio de Moura foi nomeado em 31/12/58 para o cargo de Assistente do Comissário Distrital do 5.º Distrito no Ramo de Escoteiros (IP n.º 1.057 do Escoteiro-Chefe).

O Chefe Alceu de Biase Boni foi nomeado para o cargo de Assistente do Comissário Distrital do 3.º Distrito no Ramo de Pioneiros em 31/12/58 (IP n.º 1.058 do Escoteiro-Chefe).

O Chefe Luiz Diniz Pinto Bravo foi nomeado para o cargo de Assistente do Comissário Distrital do 4.º Distrito Escoteiro no Ramo de Escoteiros Seniores em 31/12/58 (IP n.º 1.059 do Escoteiro-Chefe).

O Chefe Aarão Pimentel Cheskis foi nomeado para o cargo de Assistente do Comissário Distrital do 1.º Distrito Escoteiro em 31/12/58 (IP n.º 1.060 do Escoteiro-Chefe).

REGIÃO DE SÃO PAULO

O Chefe Jozsef Peter Cohn foi nomeado em 6/10/58 Sub-Chefe do Grupo Escoteiro Avançada (IP n.º 102 do Comissário Regional).

O Chefe Antônio de Castro foi nomeado em 14/10/58 Chefe do Grupo Escoteiro N. S. Auxiliadora (IP n.º 103 do Comissário Regional).

A Chefe Mariliana Santos Abi-Eçab foi nomeada em 5/11/58 Baguera da Alcatéia do Grupo Escoteiro 9 de Julho (IP n.º 104 do Comissário Regional).

O Chefe Walter Baptista Wagner foi nomeado em 5/11/58 Aquelá da Alcatéia Monteiro Lobato do Grupo Escoteiro 9 de Julho (IP n.º 105 do Comissário Regional).

O Chefe Rubens Coelho dos Santos Monteiro foi nomeado em 5/11/58 Chefe de Tropa do Grupo Escoteiro 9 de Julho (IP n.º 106 do Comissário Regional).

A Chefe Ninpha Nelly de Oliveira foi nomeada em 5/11/58 Aquelá da Alcatéia Pedra Fria do Grupo Escoteiro 9 de Julho (IP n.º 107 do Comissário Regional).

A Chefe Cecília Costa André foi nomeada em 5/11/58 Baloo da Alcatéia Pedra Fria do Grupo Escoteiro 9 de Julho (IP n.º 108 do Comissário Regional).

....

O Chefe Elvio Gallo foi nomeado em 5/11/58, Chefe de Tropa do Grupo Escoteiro 9 de Julho (IP n.º 109 do Comissário Regional).

O Chefe Astrogildo Santos Sobrinho foi nomeado em 5/11/58 Chefe de Tropa do Grupo Es-

coteiro 9 de Julho (IP n.º 110 do Comissário Regional).

O Chefe Clóvis Nunes foi nomeado em 5/11/58 Chefe do Grupo Escoteiro Irubi (IP n.º 111 do Comissário Regional).

O Chefe Luiz Manoel Barbosa Sobrral foi nomeado em 2/12/58 Aquelá da Alcatéia do Grupo Escoteiro Birigui (IP n.º 112 do Comissário Regional).

O Chefe Ricardo N. Paula Lima foi nomeado em 2/12/58 Chefe do Grupo Escoteiro Birigui (IP n.º 113 do Comissário Regional).

REGIÃO DE SANTA CATARINA

O Chefe Heliodoro Muniz foi nomeado em 12/11/58 Comissário Distrital do 3.º Distrito (Lages e adjacências) (IP n.º 1.034 do Escoteiro-Chefe).

O Chefe Pedro Manuel Agostinho da Silva foi nomeado em 28/10/58 Chefe do Grupo Escoteiro General José Vieira da Rosa (IP n.º 1 do Comissário Regional).

O Chefe Eno José Tavares foi nomeado em 28/10/58 Sub-Chefe do Grupo Escoteiro General José Vieira da Rosa (IP n.º 2 do Comissário Regional).

O Chefe Jaime Armando Schimitz foi nomeado em 28/10/58 Chefe do Grupo Escoteiro Guarani (IP n.º 3 do Comissário Regional).

O Chefe George Agostinho Baptista da Silva foi nomeado em 3/11/58 Diretor do Escotismo do Grupo Escoteiro General José Vieira da Rosa (IP n.º 4 do Comissário Regional).

O Chefe Darcy Zani foi nomeado em 1/11/58 Chefe de Escoteiros da Tropa Marco Polo do Grupo Escoteiro General José Vieira da Rosa (IP n.º 5 do Comissário Regional).

O Chefe Dr. Gerd Gustav Leyen foi nomeado em 5/11/58 Chefe do Grupo Escoteiro Leões (IP n.º 6 do Comissário Regional).

O Chefe Edson Campos Matesich foi exonerado em 25/11/58 do cargo de Chefe do Grupo Escoteiro Anhanguera (IP n.º 14 do Comissário Regional).

REGIÃO DO RIO GRANDE DO SUL

O Chefe Tabajara Ricardo Pinto foi nomeado em 13/10/58 Sub-Chefe da Tropa Escoteira Isaac Bauler do Grupo Escoteiro Guia Lopes (IP n.º 088 do Comissário Regional).

O Chefe Marco Aurélio B. de Azevedo foi nomeado em 13/10/58 Sub-Chefe da Tropa de Escoteiros Seniores Aldo Edo Conrardt do Grupo Escoteiro Guia Lopes (IP n.º 089 do Comissário Regional).

O Chefe João Ivo Avelaneda de Souza foi nomeado Chefe da Tropa de Escoteiros do Grupo Escoteiro Tupãci (IP n.º 090 do Comissário Regional).

O Chefe Irmão Lino Euzébio foi nomeado em 22/10/58 Chefe Escoteiro do Grupo Escoteiro Livramento (IP n.º 091 do Comissário Regional).

O Chefe Irmão Mário Alfredo foi nomeado Aquelá da Alcatéia Inhay do Grupo Escoteiro Inhay em 1/11/58 (IP n.º 092 do Comissário Regional).

Conhecer o menino é compreender os fatores que influíram sobre ele... É saber discernir dentro de cada um dos seus atos os móveis que o inspiraram consciente ou inconscientemente.

“Não esqueçamos que um menino é um complexo de energias que tendem ao aperfeiçoamento e à satisfação. Ora, uma mesma tendência pode encontrar sua satisfação em atos diferentes. Portanto, quando uma tendência encontra sua expressão em atos bons, convém reforçar a associação entre a tendência êstes atos, tornando-os cada vez mais fáceis e agradáveis. Se, ao contrário, uma tendência se exprime por ato mau, impende sugerir uma atividade derivada que substitua a má ação, deixando, entretanto, à energia vital a possibilidade de se exprimir.

Os meninos atiram pedras sobre os veículos que passam. Não basta impedir êste ato mau, mas deve-se organizar um jogo no qual possam eles satisfazer sua necessidade de lançar sobre um objeto mau que se exprime pela sua má ação.

A criança é criança não porque é pequena, senão porque vai robustecer-se e tornar-se grande. É um homem em formação. Tende, com tôdas as forças, a crescer, a desenvolver-se, a ultrapassar-se. De modo algum quer ser tomada como criança nem ser chamada de “pequeno”.

O menino quer ser considerado. Quer ser alguém e não alguma coisa.

A criança tem necessidade de se afirmar em todos os domínios, mesmo que seja preciso, em certos casos, opor-se para fazer sentir sua personalidade.

Contradizendo-a por exemplo e criticando-a por tudo quanto faz, apenas porque não lhe foi ordenado ou quando não se leva em linha de conta uma observação sua, torna-se uma revoltada e muitas vezes um chefe de bando porque não se soube utilizar suas qualidades de líder.

Conclusão: nunca tratar um menino como mau, vêde se por vossa negligência não tendes diminuído sua dignidade de homem responsável e livre.

De modo algum se deve tratar um menino como u mente servil que outra coisa não tem a fazer senão executar vossas ordens. Seja tido como um ser dotado de inteligência e de liberdade, que deve trabalhar ativamente para sua própria formação e para o bem geral.

O menino quer viver. Como a plantinha que tende para a luz, com todo o seu ser físico e moral êle procura o que desenvolve.

Daí a necessidade de criar em tôrno do menino uma atmosfera de alegria e de entusiasmo.

O menino é de grande mobilidade. Seu sistema muscular é mais desenvolvido do que o seu cérebro. Êle tem ne-

cessidade de movimento. O que é imóvel lhe interessa menos do que aquilo que se movimenta,

onde a importância de compreender sua exuberância, de não o deixar muito tempo de braços cruzados, imóvel, de o orientar antes para um jogo de conjunto.

Para o menino, viver é brincar. O menino gosta de alguém que organize com facilidade jogos em que sua imaginação, suas forças, sua exuberância física de atividade e de experiência, seu gosto natural pela competição encontrem livre curso.

Não deixeis de utilizar êste gosto pelo jogo para sua própria formação.

Não possuindo ainda o menino muita experiência, é bem mais impressionável que o adulto, e esta receptividade é proporcionada ao prestígio que exercem as pessoas adultas sobre êle.

O educador então deve manter sua autoridade necessária ao bem do menino, mas nunca em reger meios de intimidação e, de modo algum, fazer

CONHECIMENTO DO MENINO

coisa que paralize seu desenvolvimento ou que intimide sua espontaneidade.

O menino mede as coisas pelo valor e importância que seus educadores lhe dão, donde a necessidade, para o educador, de possuir o sentido das proporções, de não atribuir ao acessório importância desmesurada.

Tendo consciência íntima de sua fraqueza, prova o menino a necessidade de se apoiar em outros é por isso, mais que o adulto, dado ao instinto gregário, ao espírito de bando, donde a vantagem do sistema de equipes.

A criança sofre "a fortiori" tôdas as leis da psicologia das massas:

Uma coisa é tida por verdadeira na medida em que muitos a têm por verdadeira.

Um sentimento participado simultaneamente por muitos robustece em cada um na proporção do número dos que o aprovam.

Uma convicção afirmada ao mesmo tempo por muitos recebe, em cada um, nova força proporcional ao quadrado do número dos que a afirmam.

Em consequência:

Não temais afirmar coletivamente o amor do bem e fazer coletivamente aborrecer o mal.

Exemplos: Focalizai na lente do desprezo tudo quanto é mau... Fazei aplaudir tudo aquilo que importa esforço para o bem.

O menino é muito sensível ao que se pensa dêle e a todo preço esforça-se por realizar a idéia que dêle faz o educador ou a opinião que dêle corre.

Exemplos: Se um menino passa por corajoso em seu grupo, êle se fará de corajoso, mesmo que tenha medo. Se afirmais sem cessar que um menino não tem memória, êle não fará mais esforço por aprender: "não adiante, não tenho memória".

Conclusões práticas:

— supor sempre no menino a qualidade que desejamos desenvolver nêle;
— considerar suas faltas como acidentes e não como a expressão de um estado habitual;

— encorajar sempre e não perder o ensejo de o comprometer para o bem.

O menino é sensível ao encorajamento à reprovação na medida de pres-

tígio de educador e tais encorajamentos e reprovações perdem tôda sua eficácia se não muito freqüentes e ilógicos.

Qualquer criança, sobretudo se é encorajada, gosta de servir e ser útil.

Em cada criança existem cordas vibráteis, que importa descobrir e utilizar para o bem: "Em todo ser humano, mesmo que seja um bandido, diz BADEN POWELL, há ao menos cinco por cento de bondade".

Cuidai de encontrar em cada um a corda que deve vibrar: ...o prestígio próprio, o amor da mãe, o exemplo de um santo, a emulação de um colega, o desejo de servir..."

Por vêzes podeis mesmo pôr em jôgo seu amor próprio: "eu sabia que Você era corajoso. Que moço correto seria Você se fizesse isto!"

O adolescente possui uma espantosa capacidade de imaginação. Esta domina a vontade: sua inibição é restrita. Tôda idéia que lhe passa pela cabeça tende a traduzir-se em atos.

Daí a importância da escolha de histórias, assuntos, fantasias. O perigo de certas cenas de cinema.

O menino pouco se interessa por jogos muito aperfeiçoados que não dão ensanchas à imaginação. Um jôgo inventado por êle prende-o muito mais do que um jôgo feito. O plano que êle mesmo concebeu, executa-o com mais calor do que aquêle que lhe é impôsto de fora, donde num menino normal o pendor para a construção e para a expansão no brinquedo.

Para a criança nada é inverossímil. Acha muito naturais os contos de fadas, as histórias fantásticas. Sem constrangimento, acha que a boneca tem mesmo alma, que as coisas e os animais têm a sua linguagem. Um pedaço de pau torna-se, depressa, navio, um cabo de vassoura, num ápice, transforma-se em cavalo.

Com a idade, êste atrativo evolui e se transforma em gôsto por aventuras, nas quais fâcilmente êle se crê o herói principal.

Quanto importa então saber escolher as leituras e a moralidade dos heróis de aventuras.

A emulação é natural num menino. Quer ser o primeiro e quer vencer. É capaz de coisas incríveis para ganhar.

Pode-se utilizar o atrativo dos concursos para a sua formação, mas cuide o educador de velar por que o orgulho não o domine. Conduza-o a querer sobrepujar-se a si próprio antes que sobrepujar os outros.

O atrativo das competições se esforça quando é coletivo: grupo contra grupo, campo contra campo.

Aparece, porém, o perigo do egocentrismo, do orgulho coletivo. É necessário desenvolver o verdadeiro espírito esportivo e fazer que cada um trabalhe para o bem de conjunto.

O menino vive pelos sentidos. É refratário às abstrações. As idéias não penetram nêlo senão vestidas de alguma imagem, ou melhor ainda, de alguma ação.

Conclusões práticas:

— Falar ao menino uma linguagem concreta.

— Empregar imagens e comparações vivas.

— Utilizar a linguagem mímica e o jôgo.

— Mostrar com exemplos o modo de fazer passar para a vida de cada dias que se acabou de ensinar.

O poder da atenção da criança é limitado. Depressa ela se enfastia e tem necessidade de mudança. Gosta de coisas imprevistas.

Daí a necessidade de variar de ocupações.

O menino é, em si, todo extrovertido e com grande dificuldade analisar-se a si mesmo a preço de um esforço que não pode perdurar, donde nada de impor a êle u mtrabalho de reflexão prolongada.

O menino vive todo inteiro no presente. Não mede as conseqüências de seus atos e de suas palavras.

Importa então desenvolver nêlo o sentido da responsabilidade, da qual êle ignora não só a palavra, mas sobretudo a natureza.

Ao menino falta a experiência e o sentido relativo das coisas. Crê-se êle o centro do mundo. O universo para

êle é aquilo que vê, aquilo que êle é, aquilo que êle toca de perto. É coisa natural nêlo o egoísmo ou ao menos o egocentrismo.

Conclusões:

Desenvolvi e educai nêlo a caridade, o pensamento e a dedicação aos outros: antes de mim os outros.

Fazei muitas vêzes apêlo ao seu bom coração.

É da natureza da criança o desejo de atrair a atenção sôbre si.

Não vos façais cúmplices nesta tendência.

Evitai dar atenção em público.

Não mostreis mais interêsse por um menino que por outro.

Desconfiai dos adulares.

A criança tem um agudo sentido da justiça e ainda mais da injustiça, mormente quando ela se julga a vítima.

Um menino não tem o sentido da medida nem de sutilezas. Não compreende o gracejo. Se gracejardes com êle, facilmente vos faltará ao respeito.

Não é bastante conhecer a criança em geral. Cumpre conhecer cada menino em particular. Deve-se conhecer um menino pelo seu nome de batismo, seu nome de família, seu nome de alma.

— Para ensinar latim a João, que é preciso conhecer antes de tudo?

— É preciso conhecer latim...

— Não, é preciso conhecer João." (Chesterton).

Há sentimentos que não transparecem senão atingidos por uma espécie de simpatia no íntimo das almas. Não se decifra o menino como um livro. Para conhecê-lo é necessário insinuar-se nêlo, comunicar-se com êle, por uma perpétua simpatia, sentir o que êle sente, experimentar suas disposições tôdas, perceber suas tendências, entrar na rota de sua vida.

Antes de pedir ou dizer qualquer coisa aos meninos, ponde-vos em seu lugar, lembrando-vos de vossas disposições de infância, depois experimentai qual seria a vossa reação se alguém vos dissesse o que ides dizer, se alguém vos pedisse o que ides pedir. É o que PASCAL denomina "essayer sur son coeur".

CONSELHO NACIONAL

Membros do Conselho Nacional Representativos da Comunidade (Item IV do artigo 15 dos Estatutos da União dos Esteiros do Brasil)

S. A. J. Renner
Sr. Alfredo Hasson
Dr. Álvaro Borgerth Teixeira
Dr. Antonin Pollak
Major Brig. Álvaro Heckcher
Brig. Antônio Alves Cabral
Dr. Antônio Galloti
Dr. Antônio Sanches Laragoite
Dr. Arnaldo Guinle
Dr. Arnaldo Marzotto
Dr. Augusto Vianna
Dr. Bento Ribeiro Dantas
Dr. Camillo Pereira Carneiro Jr.
Dr. Cândido de Paula Machado
Cardeal D. Carlos de C. Motta
Sr. Carlos A. F. Wehrs
Dr. Celso da Rocha Miranda
Dr. Celso Melo de Azevedo
Dr. Daniel de Carvahó
General Edmundo Macedo Soares
Major Edmundo Vidal
Dr. Ernesto Pereira Carneiro Sob.
Dr. Eurico Raja Gabaglia
Dr. Fernando Mibielli de Carvalho
Dr. Flávio de Carvalho Lengruber
Dr. Francisco L. Figueira de Mello
Conde Francisco Matarazzo
Cel. Gilberto Aquino
Dr. Godofredo Neves da Rocha
Dr. Heitor Santanna
D. Hélder Câmara
Dr. Hélio Jacques da Silva
Sr. Henrique Danenberg
Dr. Herbert Mosses
Maj. Homero de A. Magalhães
Dr. Iris Meinberg
Brig. Ismar Pfalzgras Brasil
Brig. Ivan Carpenter Ferreira
Coronel Janary Nunes
Cardeal D. Jaime de B. Câmara
Prof. dr. J. B. Mello e Souza
Coronel João Carlos Gróss
Cel. Av. João Mendes da Silva
Dr. João Nicolau M. Gonçalves
Dr. Jorge Bouças
Dr. Jorge Carneiro Pinheiro
Dr. Jorge Diniz Carneiro
Alm. Jorge Dodswort Martins
Emb. J. C. de Macêdo Soares
Dr. Jorge Frias de Paula
Dr. José Velasco Portinho
Dr. Jurandyr Pires Ferreira
Dr. Leão Gondim
Dr. Luiz Cabral de Menezes
Prof. Dr. M. B. Lourenço Filho
Sr. Manoel Ferreira Guimarães
Dr. Marcello Velloso Borges
Ten. Cel. Mário Marques Ramos
Dr. Mário Miranda Lins
Frei Methodio de Haas. O.F.M.
Dr. N. de Alencastro Guimarães
Dr. Nelson Parente Ribeiro
Dr. Nicolau Filizola
Dr. Octávio Frias
Dr. Victor Santanna
Dr. Victor Coelho Bouças
Rev. Waldemar G. Figueiredo
Dr. Oscar Berbet Tavares
M. Paschoal Carlos Magno
Dr. Paulo Bittencourt
Alm. Paulo Martins Meira
Dr. Pedro Fraga
Dr. Pedro Lunardelli
Dr. Petrarcha C. Vasconcellos
Dr. Raul Santanna
Brig. R. de Vasconcellos Aboim
Dr. Roberto Andrauss
Rev. Rodolpho Anders
Dr. Rogério Marinho
Dr. Rubens Bertha
Dr. Ruy de Almeida
Dr. Ruy Lownds
Dr. Saul Massa Pinto
Dr. Sebastião Paes de Almeida
Ten. Cel. Terêncio, F. M. Pôrto
Dr. Valentim Bouças
Dr. William James Crocker
Dr. William Monarchesi
Dr. Zulfo Mallmann



O

Uniforme Escoteiro

por Baden-Powell

As calças curtas são essenciais quando se executa um trabalho rudo, ou se escala, excursiona ou acampa-se. Custam menos e são mais higiênicas que os culotes ou as calças compridas comuns. Deixam as pernas em maior liberdade e proporcionam ventilação. Outra vantagem é que, quando o chão está molhado, pode-se andar sem meias e nenhuma das peças da vestimenta fica húmida.

A blusa escoteira é larga econômica e cômoda e nada há de mais agradável do que ela com as mangas enroladas. Todos os Escoteiros arregaçam as mangas para obter maior liberdade de ação e, ademais, como sinal de que estão prontos para cumprir o seu lema. Sômente as desenrolam quando faz muito frio ou quando o Sol pode queimar-lhes os braços. Em tempo frio, pode-se usar a blusa com outras peças mais quentes, tanto em cima, ou — como é melhor — por baixo dela.

A vestimenta escoteira, por sua uniformidade, constitui atualmente um laço a mais de irmandade entre os rapazes de todo o mundo.

A correção no porte e a elegância individual do Escoteiro honram o nosso Movimento. Demonstram o orgulho que o Escoteiro sente por pertencer ao Movimento e à sua Tropa.

Por outro lado, um Escoteiro relaxado, desalinhado em seu uniforme, pode trazer descrédito ao Movimento, ante os olhos do público. Se Vovês me apontarem um individuo assim, lhes direi que êle não assimilou o verdadeiro espírito do Escotismo e que não se sente orgulhoso de ser membro desta Grande Irmandade.